

PALAVRA DO DIRETOR

A MATRIZ DA EDUCAÇÃO CRISTÃ E A MISSÃO

*Mauro Meister**

INTRODUÇÃO

Uma reflexão a ser constantemente levantada por aqueles que trabalham com educação teológica é a respeito de sua função e de sua relação com a missão da igreja. A preocupação em fazê-lo se dá pelo constante risco de que a educação teológica se torne um fim em si mesma. Esse é, portanto, o tema deste ensaio.¹ Dezenas de artigos acadêmicos e livros já foram escritos a respeito do tema educação e missões. Meu propósito nesta reflexão resume-se em avaliar um ponto bem específico, que denomino a matriz da educação cristã, e sua aplicação no ensino da teologia propriamente dita a partir de uma perspectiva teológica reformada clássica. A necessidade pontual que torna a reflexão necessária é que nos encontramos em uma situação de muitas polarizações no contexto brasileiro de educação e missões.

Por um lado, existe a teologia da Missão Integral, proponente de um trabalho de ação evangelizadora que associa conceitos não cristãos à pregação do evangelho, principalmente a associação com ideais marxistas.² De outro lado, a herança da velha Teologia da Libertação, agora denominada Teologia Pública, traz toda a sua bagagem de pressupostos liberais quanto à interpretação

* O autor é doutor em Literatura Semítica (D.Litt.) pela Universidade de Stellenbosch, na África do Sul, e ocupa a direção do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper. É pastor presbiteriano há 24 anos e atua como plantador de uma igreja na região da Barra Funda, em São Paulo.

¹ A base dos conceitos aqui apresentados foi fruto de estudos para a apresentação de uma palestra no encontro da Fraternidade Reformada Mundial (World Reformed Fellowship), que ocorreu entre os dias 15 e 19 de outubro de 2013, em Potchefstroom, na África do Sul.

² Ver neste volume o artigo: FONTES, Filipe Costa. Missão integral ou neocalvinismo: em busca de uma visão mais ampla da missão da igreja.

da Escritura e propõe que a missão aconteça na busca do “bem comum”.³ Entre os mais conservadores vemos duas posições principais. De um lado a visão de que a educação teológica em si é um mal e um desperdício de recursos, pois produz pensadores que nada fazem no campo missionário ou das missões. Muitas vezes é o caso, devemos admitir. Porém, a consequência desse tipo de visão é que muitos há que saem de maneira pragmática a “fazer missões”, sem a necessária reflexão teológica que deve servir como fundamento para o avanço da missão.⁴ Do lado oposto estão aqueles que se conformam com uma educação teológica que não ensina e não inspira o trabalho missionário, acomodando-se a um status no qual a educação teológica torna-se um fim em si mesma.

Afinal, para que serve a educação teológica e qual a sua relação com a missão? Segundo Martin Kähler, a “missão é a mãe da teologia”.⁵ Isto implica que o foco de toda a educação teológica deve estar na missão.⁶ E a relação deve ser

³ Para uma breve discussão da relação entre Teologia da Libertação e Teologia Pública, ver GONÇALVES, Alonso. Teologia Pública: entre a construção e a possibilidade prática de um discurso. *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura*, Ano VIII, n. 38, p. 63-73. Diz o autor em nota de rodapé: “É uma discussão levantada hoje sobre as novas, ou não, possibilidades da Teologia da Libertação. Nessa discussão acredito que a Teologia Pública seria mais uma ferramenta mediadora para a Teologia da Libertação, mas tal diálogo poderia ser feito em outro momento. Cf. RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *A Teologia da Libertação morreu? Reino de Deus e espiritualidade hoje*. São Paulo, Aparecida: Fonte Editorial/Santuário, 2010.”

⁴ O tema já era uma preocupação do Conselho Mundial de Igrejas, que promoveu uma conferência em 1967, Northwood Consultation, relatada por: SMOLIK, Josef. *Study Encounter* 3, no. 4, 1967, p. 174-175, com o título “Theological education and ‘missio Dei’”. Outros artigos específicos são: GUDER, D. Missio Dei: Integrating Theological Formation for Apostolic Vocation. *Missiology: An International Review*, Vol. XXXVII, no. 1, Jan 2009, p. 64-74 (o autor argumenta em favor de uma reestruturação das disciplinas teológicas em favor de uma formação “missional” de líderes eclesiais); PENNER, P. (ed.). *Theological Education as Mission*. Schwarzenfeld, Alemanha: Neufeld Verlag, 2005. Entre os artigos desse livro está: KIRK, J. A. Re-envisioning the Theological Curriculum as if Missio Dei Mattered, p. 15-38. Conforme usado nesta nota, o termo missional seguirá a proposta de Chris Wright: “Estritamente falando, a palavra ‘missional’ significa ‘pertencente a, ou caracterizado pela missão’, da mesma forma que ‘pactual’ se refere a ‘pacto’ ou ‘tribal’ a ‘tribo’. A questão é sobre que missão estamos falando quando nos referimos a uma atividade, comunidade ou estratégia como ‘missional’? ... Nossa tendência tem sido a de pensar primariamente em “missões” – ou seja, as coisas que nós fazemos, atividades que planejamos e executamos “para Deus”, para ajudá-lo a chegar aos lugares que ele parece ter dificuldade em alcançar. Eu gostaria que reconsiderássemos essa definição... Em meu livro *The Mission of God* eu argumento que nós devemos mudar a nossa perspectiva para ver que, como a salvação, a missão pertence a Deus. Repito: *a missão não é nossa; a missão é de Deus*. Não é que Deus tenha uma missão para a sua igreja no mundo, mas sim que Ele tem uma igreja para a sua missão no mundo. A missão não foi feita para a igreja, a igreja foi feita para a missão – a missão de Deus.” WRIGHT, Christopher. What do we mean by missional. In: LOGAN, JR., Sam (ed.). *Reformed Means Missional: Following Jesus into the World*. Greensboro, NC: New Growth, 2013, p. ix-x.

⁵ KÄHLER, Martin. *Schriften zur Christologie und Mission*. Munique, Alemanha: Kaiser, 1971, p. 190 (trad. David Bosch).

⁶ Ver a discussão em: LOPES, Augustus Nicodemus G. Paulo, plantador de igrejas: repensando fundamentos bíblicos da obra missionária. *Fides Reformata* II-2 (1997), p. 5-21.

mútua, a saber, não se deve caminhar no empreendimento missionário sem que tenhamos uma visão teológica clara a respeito da base para prosseguir. Assim, a pergunta que nos cabe responder é onde encontramos uma base comum para que o desenvolvimento de todo o empreendimento teológico tenha aplicação missionária. Se conseguirmos responder essa questão, teremos, pelo menos, a semente da resposta que buscamos. Afinal, aqueles que primariamente saem a campo para ensinar sobre a missão e os que vão aos campos missionários, desde “Jerusalém” até os “confins da terra”, são os que, regularmente, passam por um processo educacional dentro de instituições de ensino teológico. Que base teológica é usada nessas instituições para ensinar missão? O que os futuros missionários aprendem nessas instituições como base para a sua futura prática? Existe uma prioridade quanto ao ensino da missão? Não é exatamente em meio aos estudos da teologia que a visão de mundo de pastores, líderes e missionários é, se não formada, pelo menos aguçada quanto ao que pensam e vão realizar dentro da missão? Parece-me não ser um exagero dizer que as instituições de ensino teológico têm sido responsáveis por moldar a visão da missão durante os últimos séculos, na direção correta ou na direção errada.

Logo, passemos ao objetivo deste ensaio, que é a busca de uma base para refletir sobre a natureza da relação entre educação teológica e missões.

1. A ESCRITURA COMO MATRIZ PARA TODA A EDUCAÇÃO CRISTÃ

Nesta altura, cabe-me demonstrar que a educação teológica é parte de um conceito maior, o de educação cristã. Assim, parece ser sensato buscar a resposta em uma reflexão bíblica que nos instrua a respeito da essência da educação cristã. É obvio que a Escritura traz muitas e variadas instruções a respeito de educação, partindo de textos fundamentais como Deuteronômio 6. Esse texto fala ao povo de Deus a respeito do ensino da Lei do Senhor, que deveria ser transmitida nas mais diversas situações da vida dos israelitas, começando pelo lar. Porém, um dos textos fundamentais a respeito do tema é comumente deixado de lado ao refletirmos sobre educação cristã, que é 2 Timóteo 3.14-17:

Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.

Em geral, ao lermos essa passagem concentramos a nossa atenção na valiosa doutrina da inspiração das Escrituras. E, de alguma forma, esse é o assunto dela. Mas seria esse o ponto central da passagem? Em que pese o fato de que sempre houve aqueles que duvidaram da origem, veracidade e autoridade

da Escritura, Paulo não viveu nos séculos 19 ou 20 da era cristã e não teve por preocupação fundamental defender os escritos do Antigo Testamento dos ataques de ideias como o liberalismo teológico ou a neo-ortodoxia. Bastou ao apóstolo afirmar que as Escrituras foram inspiradas por Deus (θεόπνευστος – “sopradas de Deus”) e isto foi suficiente para que Timóteo e os leitores posteriores compreendessem a questão de que toda a Bíblia é verdadeira.

Assim, embora possamos afirmar, com base nesse versículo e outros, que “as Escrituras são inspiradas por Deus” (Antigo e Novo Testamentos) e “não contêm erros em tudo que afirmam”,⁷ essa não era a única questão para Paulo quando escreveu a Timóteo. Observando todo o contexto da epístola na qual o texto nos foi dado, o fulcro do interesse do apóstolo parece ser quanto ao propósito final para o qual as Escrituras foram inspiradas, ou seja, os resultados que esperamos do processo de ensiná-las: “que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (v. 17). Assim, propomos que o alvo de Paulo nessa sequência do texto não é, fundamentalmente, falar-nos da doutrina da inspiração, mas, principalmente da *doutrina da educação*.

Para compreendermos bem a questão é importante entender a educação teológica dentro do quadro maior da educação bíblica ou da educação cristã. Enfrentamos aqui a dificuldade comum de departamentalizar conceitos bíblicos que deveriam ser analisados por nós a partir de um conceito mais geral e abrangente. Ainda que a educação aconteça em diferentes níveis e fases, o fundamento para a educação cristã é um só, e deve ser tomado da própria Escritura, única regra de fé e prática para o cristão. Biblicamente, podemos citar a bem documentada educação no lar, segundo a instrução clara do Antigo Testamento, e a educação eclesiástica, também claramente orientada no Novo Testamento. Na sociedade contemporânea, porém, existe a instituição da escola, que se desenvolve por diferentes níveis até alcançar os estudos de pós-doutoramento, e as escolas de instrução teológica. A orientação destas últimas não se encontra nas Escrituras de maneira direta, senão na extensão do mandato cultural. Mas nem por isto cremos que a educação escolar é antibíblica ou deixa de encontrar firmes fundamentos na teologia.⁸

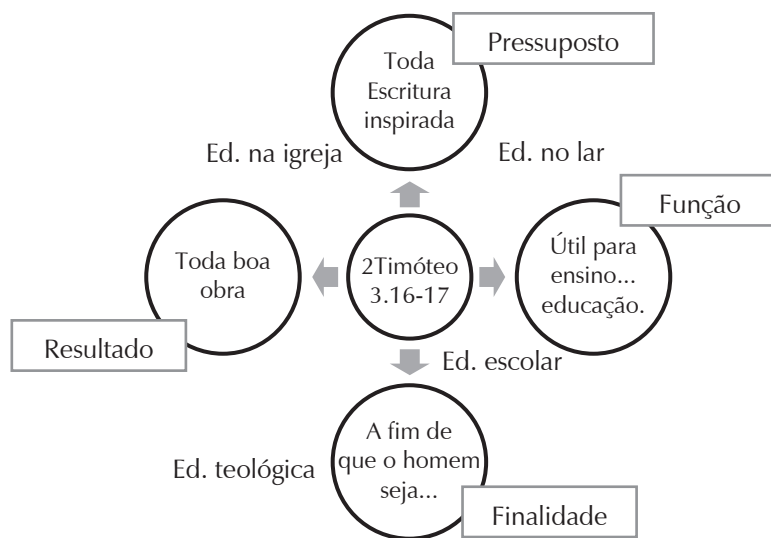
Assim, toda a educação ligada ao cristianismo, seja ela em casa, na igreja ou na universidade, lidando com a Escritura ou com as mais diversas disciplinas do mundo acadêmico, deve encontrar fundamentos em uma sólida visão de mundo alicerçada na revelação de Deus registrada nas Escrituras. É necessário evitar a ideia de que a educação que acontece fora das “portas da igreja”

⁷ Fraternidade Mundial de Igrejas Reformadas – Declaração de Fé. In: FERREIRA, Franklin (ed.). *A glória da graça de Deus*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2010.

⁸ Para uma defesa clara e ampla da educação escolar cristã, ver: PORTELA NETO, F. Solano. *O que estão ensinando aos nossos filhos? Uma avaliação crítica da pedagogia contemporânea apresentando a resposta da educação escolar cristã*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2012.

seja uma educação secular por natureza. Nossa crença é que toda a educação que envolve uma cosmovisão cristã, não importa o assunto ou nível, deve ser chamada e reconhecida como educação cristã.

Propomos, assim, que 2 Timóteo 3.14-17 funcione como matriz para toda a educação cristã, em todas as suas modalidades e níveis educacionais, conforme o gráfico abaixo:



A revelação inspirada de Deus é a base sobre a qual toda a educação deverá ser desenvolvida. Segundo Paulo, a função da revelação (Escritura) é o ensino e a educação. A finalidade é a formação do caráter do homem de Deus com a expectativa do resultado das boas obras.⁹ Logo, propomos abaixo a seguinte visão para entendermos a relação entre o ensino e a missão.

2. UMA VISÃO CORRETA DA ORIGEM DAS ESCRITURAS

Toda a Escritura é inspirada...

Existe em nossos dias uma crença generalizada de que a educação é por si só redentiva, salvadora do indivíduo (autonomia) e da sociedade (liberdade, igualdade e fraternidade). As diferentes pedagogias seriam o caminho para um mundo redimido, no qual esses valores estariam presentes. Porém, ao longo da história isto não tem acontecido. Há um problema fundamental nessa crença

⁹ Augustus Nicodemus Lopes afirma: “Estamos conscientes das limitações de um estudo dessa natureza, a começar pelo fato de que Paulo, ao escrever sobre educação, não tinha em mente o ambiente formal de educação que caracteriza as escolas modernas e nem o fato de que hoje esse ambiente é regulado por normas elaboradas por um estado laico. Todavia, há princípios que regem todo esse processo que têm natureza universal e permanente, princípios esses que transparecem das Escrituras, e que podem, com as devidas contextualizações, servir de norte para os educadores cristãos hoje”. Ensinar e aprender em Paulo. *Fides Reformata* XIII-2 (2008), p. 113-114.

pedagógica. No cerne do problema das múltiplas pedagogias disponíveis hoje em dia está a sua epistemologia e a incapacidade de responder com integridade o que é conhecimento e como se dá o processo de conhecer. Fundamentalmente, acredita-se que é possível uma solução sem trabalhar com os pressupostos que estabelecem o campo de discussão.¹⁰ Particularmente, acredito que a “educação” que não é qualificada como “bíblica” torna-se apenas mais um ídolo, incapaz de oferecer ao ser humano as respostas que ele precisa para produzir uma transformação efetiva em sua experiência da realidade.

Neste ensaio adotamos o pressuposto de que o conhecimento objetivo é possível por ter alicerces e fundamentos “em âncoras metafísicas estáticas, no sentido de que representam realidades objetivas que nos foram reveladas pelo próprio Deus, que é imutável”.¹¹ Tais realidades objetivas estão descritas nessas Escrituras inspiradas das quais Paulo nos fala. Assim, a educação que pretende chamar-se cristã, em qualquer instância, e seus desdobramentos (no lar, na igreja, na escola, no seminário) deve adotar como premissa a inspiração da Escritura, como base epistemológica, sendo, dessa maneira, uma educação, por princípio, bíblica. Cremos que ela é a verdadeira Palavra de Deus, registrada em sua providência, para que tivéssemos um fiel testemunho da sua revelação ao longo da história, a fim de que pudéssemos crer nele e ensinar fundamentados no princípio de que o Deus Criador é o Deus que se revela e nos ensina pela sua palavra.

Quando falamos de educação teológica e missões só podemos começar com a Palavra inspirada de Deus como a base sobre a qual conhecemos a verdade, através da iluminação do seu Espírito Santo. Não há educação cristã e não há educação teológica cristã verdadeira sem a Escritura como base e fonte.

3. UMA VISÃO CORRETA DA FINALIDADE DAS ESCRITURAS

...e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça...

O fato de que a Escritura é útil para o ensino não é um subproduto. O argumento de Paulo não é que a Escritura é inspirada por Deus e, portanto, pode ser útil. O argumento é que ela foi inspirada para ser útil para um propósito específico. Deus nos deu a Bíblia a fim de que a usemos para ensinar!

É importante perceber que não há restrições quanto ao uso do termo *διδασκαλία*,¹² ou seja, é um uso amplo, que não limita o ensino somente ao

¹⁰ Para uma discussão detalhada sobre a questão dos pressupostos e a teoria do conhecimento, ver GOMES, Davi Charles. Como sabemos? O professor e as teorias do conhecimento. *Fides Reformata* XIII-2 (2008), p. 65-96.

¹¹ PORTELA NETO, 2012, p. 60.

¹² Sobre o uso do termo pelo apóstolo Paulo, ver LOPES, 2008, p. 116.

campo da teologia ou eclesiástico. Na verdade, Paulo afirma que a Escritura é útil para o ensino, mormente, mas não somente, quanto à formação do indivíduo na doutrina, correção, treinamento e instrução para a prática da justiça. Logo, além do ensino da salvação propriamente dita, conforme já mencionado pelo apóstolo no versículo 14, devemos ter a Escritura como fundamento para o ensino em todas as áreas da vida, envolvendo toda a nossa cosmovisão e abrangendo tudo o que fazemos.

E quão importante é o ensino para o cristianismo? Se tomarmos o ministério de Jesus como exemplo e padrão, veremos que ele gastou a maior parte do tempo, não fazendo sinais e milagres, nem expulsando demônios ou curando. A maior parte do tempo foi gasta com ensino e discipulado. Todas as outras coisas eram apenas consequências do ensino correto. Jesus sabia muito bem que não conhecer a Palavra do Pai era algo muito perigoso. Todas as suas respostas, sendo ele a Palavra encarnada, foram dadas com a sabedoria das Escrituras aplicadas a questões práticas do seu próprio tempo (Mt 4.23; 9.35; 21.23; 26.55; Lc 13.22).

Paulo não se cansa de enfatizar esse ponto e repete a importância do ensino e da aprendizagem várias vezes neste capítulo de 2 Timóteo. Inicialmente, ele fala sobre o problema dos que não aprendem a verdade: “Pois entre estes se encontram os que penetram sorrateiramente nas casas e conseguem cativar mulherinhas sobrecarregadas de pecados, conduzidas de várias paixões, que aprendem (μανθάνω) sempre e jamais podem chegar ao conhecimento da verdade” (3.6-7). Alguns versos adiante, Paulo lembra a Timóteo o fato de que ele havia aprendido com o apóstolo ao longo de sua caminhada, sendo repetida a palavra “ensino”: “Tu, porém, tens seguido, de perto, o meu ensino (διδασκαλία)...” (3.10). A passagem específica que estamos analisando começa com o mesmo conceito: “Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste (μανθάνω) e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste” (3.14).

Um detalhe importante é que a palavra traduzida aqui como *aprender* vem da mesma raiz da palavra *discípulo*.¹³ Isso significa que ensino tem a ver com discipulado, com a relação entre aluno e tutor. Essa relação fica clara quando Paulo apresenta Timóteo como seu seguidor: “Tu, porém, tens seguido, de perto, o meu ensino, procedimento, propósito, fé, longanimidade, amor, perseverança, as minhas perseguições e os meus sofrimentos” (3.10-11), e ainda: “Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus” (3.14-15).

¹³ LOUW, J. P.; NINDA, E. A. *Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains*. 2 vols. Nova York: United Bible Societies, 1988. Verbete 27.16. μαθητής, οὗ *m*: (derivativo de μανθάνω “aprender, ser instruído”, 27.12), uma pessoa que aprende de outra mediante instrução, quer formal, quer informal – discípulo, aluno.

Essa é também a lição que aprendemos em Deuteronômio 6, que nos ensina que a verdade sobre quem é Deus deve ser ensinada tanto formalmente, quanto informalmente (“tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te” – Dt 6.7).

Todo tipo de educação deve manter juntos ensino e discipulado. Sendo assim, a educação teológica que não é discipuladora está laborando em erro, na direção contrária de todos os modelos que vêm da própria Escritura.

4. UMA VISÃO CORRETA DO FIM (PROPÓSITO) DA EDUCAÇÃO

...a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.

Quem é que Paulo tem em mente ao usar a expressão “homem de Deus”? A resposta é que essa expressão define aquele que está em completo contraste com o homem do início do capítulo:

...pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder... (3.2-5).

Em síntese, Paulo define o homem do início do capítulo como alguém que ama a todas as coisas, exceto Deus. Ele ama o dinheiro, o prazer e tudo o que lhe faça bem, porque no fim das contas, no caminho oposto ao dos mandamentos de amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, ele ama a si mesmo mais do que a Deus e ao próximo.

O homem de Deus é aquele que procede de modo contrário: ama a Deus e ao seu próximo, demonstra verdadeira piedade no seu viver, da maneira como Paulo mesmo havia demonstrado a Timóteo ao longo de sua caminhada juntos e manifestado nos versos anteriores. Mas, para isso, ele precisa ser moldado, e essa é a tarefa da educação. A educação, inclusive a educação teológica, existe para a formação espiritual, para a construção do caráter, bem como da integridade intelectual e acadêmica (para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça) de todo homem de Deus.

5. UMA VISÃO CORRETA DO QUE É SER MISSIONÁRIO

... seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra

O que se espera do homem de Deus são boas obras. Não poucas vezes, nossa compreensão de boas obras está reduzida a atividades que envolvem questões de justiça social e trabalhos de caridade. No entanto, boas obras são todas as coisas que estão dentro de nossa vocação, relacionadas diretamente

com a justiça social ou não, e que são realizadas de acordo com o padrão excelente de Deus. Desde ser uma dona de casa e mãe, até ser o presidente de uma nação, qualquer coisa que o homem ou a mulher de Deus faça, e esteja de acordo com a vontade divina revelada pelo ensino das Escrituras, pode ser chamada de boas obras.

Precisamos ver o objetivo da educação teológica nessa perspectiva abrangente. Ela visa preparar o homem e a mulher de Deus para que eles se envolvam em todos os tipos de boas obras, com o fim último de glorificar a Jesus Cristo. Neste sentido, uma educação é missionária se considera o alcance de todo ensino verdadeiramente bíblico.

CONCLUSÃO

Se, como propomos, 2 Timóteo 3.16-17 serve como uma matriz para o conceito de uma educação cristã, as consequências mais imediatas podem ser descritas da seguinte maneira:

1. *Toda a educação teológica deve derivar do ensino da Escritura como sua base e orientação fundamentais.* A implicação disto deve ser vista nos currículos teológicos que buscam a ampla compreensão da vida e do mundo no fundamento da Escritura. Todos os campos da enciclopédia teológica devem ser fundamentalmente orientados por princípios que possam ser comprovadamente derivados da Escritura, inclusive aqueles que são parte dos departamentos das humanidades. Antropologia, sociologia, psicologia e filosofia devem ser servas da teologia bíblica e suas conclusões sistemáticas, e nunca independentes dela. Esse ponto é importante em função do que se vê como prática em muitas instituições de ensino de teologia, nas quais os departamentos de estudo tornam-se estanques e mal orientados pela teologia.

2. *Toda educação teológica deve orientar o homem todo.* Como dito anteriormente, o ensino não é um subproduto da Escritura, mas a Escritura foi dada por Deus para o ensino abrangente e integral do homem, lidando não só com o conhecimento como matéria estanque, porém, com a sabedoria aliada ao conhecimento. É a partir da Escritura que o homem, uma vez tendo conhecido a verdade, tornando-se homem de Deus, será também corrigido, repreendido e educado na execução da justiça, não só ao recebê-la da parte de Deus, mas ao aplicá-la no mundo em que vive.

3. *Toda educação teológica deve educar para a missão.* Educar para a missão não significa incluir no currículo teológico disciplinas que tratem de missões. Essas disciplinas são importantes e têm o seu papel dentro do ensino da enciclopédia teológica, principalmente no que diz respeito à metodologia. Porém, o ensino fundamental da missão deve ser impregnado em todo o currículo de teologia. Toda teologia deve levar à adoração e toda adoração deve levar à missão. Todo o ensino é estruturado com características

de discipulado, edificando o homem de Deus para toda boa obra, a começar da pregação pura e simples do evangelho, pessoa a pessoa, até as grandes estruturas de envio missionário até os confins da terra. Educação teológica que não prepara para a missão torna-se estéril e incompatível com o conceito de educação cristã propriamente dita.